

EFEMÉRIDES

Três efemérides de 2020: Beethoven, Nepomuceno e Widmer

Beatriz Alessio

Universidade Federal da Bahia | Orcid: 0000-0002-7666-5987

Ludwig van Beethoven (Bonn, 1770 - Viena, 1827)

Dois gigantes odiaram a Napoleão Bonaparte: Tolstói e Beethoven. O primeiro dedicou enorme parte das mais de mil páginas de Guerra e Paz para descrever com detalhes todos os motivos que o levaram a desprezar o general corso. Beethoven precisou de apenas uma linha: a que usou para riscar o nome de sua dedicatória. Ser excluído de Beethoven foi a maior punição possível. Creio que vimos que hoje, ainda é.

Este ano, esperado, ensaiado, ansiado, seria o ano de festejar a glória da obra Beethoveniana. Pianistas, orquestras, coros, grupos de câmara do mundo todo passaram os últimos meses (e quiçás anos) preparando-se para a grande onda de integrais de suas sinfonias, sonatas, trios, quartetos. Alguns, prevendo a avalanche musical que viria, torciam o nariz para a magnitude das comemorações, clamando por mais imaginação nas programações e menos espaço para a já consagrada e conhecida obra do maior compositor alemão. É elitizante, diziam uns. É redundante, diziam outros. Quando, porém, fomos atingidos pela tragédia e todas as orquestras se calaram, todos os teatros ficaram vazios e fomos colocados frente a frente com a possibilidade de um silêncio de duração indefinida, nenhum músico conseguia pensar em nada mais que não fosse: como faremos para tocar Beethoven?

Tocar e ouvir Beethoven em 2020 tornou-se uma necessidade absoluta, além da efeméride. Frente ao desconhecido, ao medo, à possibilidade de barbárie e aniquilação, não podíamos ser excluídos de Beethoven. Não podíamos mais prescindir de sua música. Foi imperativo ouvir o Imperador pela milésima vez, fazer soar suas Pastorais e Primaveras. Falamos de Beethoven, escrevemos sobre ele. Descobriram finalmente os mistérios de seu metrônomo. Foi uma necessidade premente, urgente, inescapável atender ao chamado que Beethoven faz a todos os instrumentistas e enfrentar, com grandes chances de fracasso, suas temíveis e maravilhosas invenções. Fomos todos convocados a merecer sua música, sermos dignos dela, encarar os assustadores picos de suas obras: desafiadores, hostis, desconfortáveis. E por isso mesmo, redentores.

Organizados, mascarados, distanciados, tocamos Beethoven. Protocolados, conectados, ouvimos Beethoven. A necessidade era tão grande que meu marido e eu fomos capazes de tomar um avião e viajar dois mil quilômetros para, na traseira de um caminhão, podermos fazer nossa humilde oferta no altar de suas sonatas. À nossa volta, uma cidade cruel absorvia sua música como uma esponja demente. Pelo menos não fomos excluídos de Beethoven.¹

1 Para desfrute do leitor, eis o link da nossa versão da Integral das suas Sonatas para piano:

[32 Sonatas para piano de Ludwig Van Beethoven \(1770-1827\) - YouTube. - Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=sLMzSl8nI9U&t=40384s](https://www.youtube.com/watch?v=sLMzSl8nI9U&t=40384s)

Tenho dúvidas se qualquer outro compositor teria esse mesmo poder. Estivéssemos no ano Ravel, ou Tchaikovsky, ou mesmo Mozart, seríamos mais frágeis, mais dispersos. Beethoven nos uniu numa devoção incontrolável a algo maior que nós mesmos, que nos apresenta uma versão melhor possível de cada ser humano que experimenta a força de sua música. Fomos obrigados a lembrar-nos de sua importância, de sua inevitabilidade: Beethoven passado, presente e futuro.

Alberto Nepomuceno (Fortaleza, 1864 - Rio de Janeiro, 1920) e Ernst Widmer (Aarau, 1927 - 1990)

O ano de 2020 marca também, além do inescapável e onipresente ano Beethoven, datas importantes para a música brasileira com dois aniversários de falecimento. Este ano completam-se 100 anos da morte de Alberto Nepomuceno e 30 anos da partida de Ernst Widmer, ambos eventos que passaram quase despercebidos em meio à onda de calamidades entremeada pelo cancelamento de temporadas e concertos em todo o país.

Nepomuceno, que freqüentava os chás da princesa Isabel apesar de ser alegadamente republicano, tinha em comum com Widmer não só as idéias políticas liberais, mas o fato de que ambos deixaram marcas permanentes no panorama musical brasileiro não somente com suas obras, mas com a sua atuação consistente e engajada nos ambientes musicais de seu tempo.

A curiosa hierarquia da música nos compele a festejar sempre os criadores, os compositores, pensando nas dimensões de suas obras e sua suposta influência em – adivinhe? – outros compositores. Não festejamos aniversários de intérpretes ou mecenas. Mesmo os músicos que interpretaram, tocaram e produziram sua própria música e a de outros (como Beethoven, Clara Schumann, Liszt, Rachmaninoff), que ensinaram (como Schoenberg, Bach, Fauré, Nadia Boulanger) e que, com sua atuação diversificada modificaram o panorama musical de sua época, são lembrados (ou não) pela sua “obra”, como se suas demais atividades fossem complementares, menores...No entanto, na maioria dos casos, é impossível separar causa e efeito ao falar da abrangência da influência da atividade musical de grandes músicos.

Apesar das alegações de excessiva especialização, o músico continua a ser até os dias de hoje, um ser plural: toca, compõe, ensina, influencia, gerencia. O músico engajado organiza concertos, é produtor. Defende causas, abre espaços, modifica a sociedade: com Nepomuceno e Widmer não foi diferente. Suas obras, importantíssimas, de escrita impecável e grande poder comunicativo, ainda não têm a popularidade da obra de um Villa Lobos, por exemplo. No entanto, sua relevância não pode nem deve ser medida pelo número de vezes em que se tocam suas obras no ano de sua efeméride - seu legado hoje pode ser sentido de forma intensa devido principalmente às causas musicais que abraçaram .

Nepomuceno foi o primeiro compositor brasileiro a defender publicamente que os brasileiros cantassem em português. Até o momento, mesmo obras emblemáticas do nacionalismo (como as óperas de Carlos Gomes) eram cantadas em italiano, sob o bizarro argumento de que a última flor do Lácio não seria “musical”. Se hoje temos um cancionário esplêndido que pode fazer uso de jóias da poesia nacional – de Olavo Bilac a Drummond e Coralina- agradeçamos ao cearense que cunhou a exemplar frase “não tem pátria um povo que não canta em sua língua”.

Widmer, desde sua entrada nos Seminários Internacionais de Música da Universidade da Bahia (a nossa presente UFBA), marcou gerações de compositores e instrumentistas com suas estratégias pedagógicas de incorporação natural de recursos de vanguarda na educação musical. Apesar de ser ainda pouco gravado e pouco tocado pelos músicos e orquestras nos palcos do Brasil, é presença marcante nas salas de iniciação ao piano, com seu *Ludus Brasiliensis*.² Seus concertos, canções e música de câmara ainda esperam gravações, mas a presença de Widmer se faz sentir em todo ambiente musical que se alimenta das idéias da vanguarda destemida e tropical que floresceu (e floresce até hoje) de norte a sul do país.

Fica aqui a homenagem a esses artistas plurais, grandes compositores, grandes educadores, músicos pensantes e inseridos nas sociedades de seu tempo: modificando-a, inspirando-a, abrindo pouco a pouco o caminhos que hoje reconhecemos e, com alguma sorte, ampliaremos.

2 Para desfrute do leitor, eis os links da nossa versão dos 3 volumes do seu *Ludus Brasiliensis*:

[Ernst Widmer - Ludus Brasiliensis Vol.1 \(55 peças\) \(Beatriz Alessio, piano\) - YouTube - Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=OnydD3CTyZo&t=589s](https://www.youtube.com/watch?v=OnydD3CTyZo&t=589s)

[Ernst Widmer - Ludus Brasiliensis Vol.2 \(40 peças\) \(Beatriz Alessio, piano\) - YouTube - Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=rmwuKIMWKVQ&t=41s](https://www.youtube.com/watch?v=rmwuKIMWKVQ&t=41s)

[Ernst Widmer - Ludus Brasiliensis Vol.3 \(30 peças\) \(Beatriz Alessio, piano\) - YouTube - Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=wlkQg375vjg](https://www.youtube.com/watch?v=wlkQg375vjg)